



Diário Notícias

04-11-2012

Periodicidade: Diário
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 56361

Temática: Política
Dimensão: 1649
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/6/7

MÁRIO SOARES Ex-presidente da República
“Eleições agora complicam tudo e podem não resolver nada”



Mário Soares O ex-presidente da República apresenta oficialmente amanhã o seu novo livro, que reúne intervenção política e social de dois anos. Intitulado 'Crónica de Um Tempo Difícil', o fundador do PS faz naquelas páginas um balanço pouco agradável sobre a crise em que o País está mergulhado, as responsabilidades dos dirigentes políticos e o futuro da União Europeia

“Se o Governo fosse a votos ficaria muito longe de ser maioria”



JOÃO CÉU E SILVA
Jornalista

Lendo o seu novo livro, até parece que estamos num tempo de convulsão social como foi o ano de 1975. Há algum paralelo? Paralelo não há nenhum. Mas estamos a viver num tempo muito difícil como nunca houve desde o 25 de Abril.

Nem se pode dizer que o 15 de Setembro deste Governo foi a manifestação da Fonte Luminosa que organizou?

Foram manifestações diferentes, com participantes também diferentes.

No prefácio escreve: “É preciso que o Governo se autodemita.” Esperava viver esta situação no pós-25 de Abril?

Era, segundo penso, a solução mais apropriada e lógica, uma vez que o Governo tem contra ele a esmagadora maioria dos portugueses, de todas as condições sociais. Não, nunca pensei viver uma tal situação.

Passos Coelho surpreendeu ao anunciar o seu desejo de “refundação”. Esperava por uma reviravolta – chamemos-lhe assim – destas?

Não. Acho que está um pouco desorientado e não tem estratégia. Partilha da opinião de que a geração que nos governa está impropria para o fazer?

Não se trata de uma questão de gerações, mas tão-só de ideologia. O Governo é constituído por neoliberais ou por pessoas que aceitam comportar-se como tal.

Qual é a geração mais traída, a sua, que estabeleceu a democracia, ou a dos jovens que não têm lugar neste Portugal?

Julgo que a questão de geração não tem sentido. Em todas as gerações há bom e mau. Depende das pessoas.

Refere que o Governo nunca teve uma visão estratégica para vencer a crise. Não foi essa crença que fez

os portugueses votarem em maioria num governo de direita?

Entre o que o Governo prometeu nas eleições, para as ganhar, e o que realmente tem feito não há comparação possível. Se o Governo hoje fosse a votos ficaria muito longe de ser maioria.

Acusa os membros do Governo de se esconderem quando saem à rua. Nos tempos do seu resgate pelo FMI viveu situações semelhantes?

O fenómeno das vaías ao Governo nunca aconteceu em relação aos Governos, desde o 25 de Abril até agora. É um fenómeno original e perigosíssimo. O FMI nunca falou em público nem fez conferências de imprensa. Era constituído por uma senhora, extremamente discreta, e que falava só com o ministro Hernâni Lopes e comigo.

Acha que se não fosse o programa da troika a governação seria pior? Afinal, escreve que “os ministros parecem não se entender”...

O atual Governo depende da troika.

Aceitou ser um protetorado da troika. Parece não ter um sentido da pátria. Além do espetáculo que tem dado a coligação, é óbvio que os ministros se entendem muito mal entre si.

Acredita que a coligação PSD/CDS sobreviverá até ao Orçamento do próximo ano?

Não creio. Vejamos o que se passa com o Orçamento. Ainda não sabemos.

Mudou de opinião em relação ao Passos Coelho dos primeiros tempos?

Mudei. Para mim tem sido uma decepção.

Acha que o ministro Vítor Gaspar aguentará os quilómetros que faltam percorrer, segundo a metáfora que o próprio anunciou?

Não percebo muito bem os seus discursos, quanto mais as metáforas...

A posição do PS ao votar contra o

Orçamento do Estado foi realista? Não podia ser outra. Teve a unanimidade dos militantes do PS.

Se a sua análise – “a população portuguesa [...] parece ser desaperadamente a favor da queda do Governo” – se verificar, qual será a alternativa?

Se o Governo se demitir, dá ao País uma prova de sensatez. Nesse caso, teremos de ver como o Presidente da República se comporta. É a quem compete a palavra seguinte.

Prevê ser inevitável um governo de iniciativa presidencial?

Não creio. Mas tudo depende do que o Presidente fizer.

Considera aceitável, refere-o no prefácio, um novo governo sem eleições como aconteceu em Itália?

Acho que as eleições, neste momento, complicam tudo e podem não resolver nada.

Se a sua análise sobre a situação nacional é muito crítica, também não vê com bons olhos a europeia. Ainda acredita na viabilidade do projeto europeu?

Claro que acredito. A Europa da Zona Euro está em ebulição. Precisa rapidamente de mudar de paradigma. É o que quer a opinião europeia e querem alguns Governos. As eleições americanas, se derem a vitória a Obama, como espero, vão dar um impulso progressista à União Europeia.

Desde 2007 que se mostra preocupado com a crise europeia.

Cinco anos depois, a crise mantém-se e não se vislumbram soluções.

Esperava assistir a uma insensibilidade tão grande por parte das lideranças da União Europeia e à demora de Durão Barroso para alterar este rumo?

Pelo contrário, acho que há alternativas à vista. Tem havido é falta de coragem dos dirigentes europeus, que são responsáveis pela paralisação do projeto europeu. Quanto a Durão Barroso, conta muito pouco nas decisões europeias...

O fim do Estado social como o conhecemos será irreversível?



O Estado social é um dos fundamentos mais importantes do projeto europeu. Se desaparecesse seria o fim da Zona Euro e da própria União. Como a liberdade ou os direitos humanos.

A próxima visita da chanceler Angela Merkel a Portugal sossegará os ânimos dos portugueses ou será o momento de acerto de contas com a Europa que não partilha o ideal de uma União Europeia de iguais direitos? Nem uma coisa nem outra. Só cá está seis horas, para ser vista – se os seguranças deixarem – e para encontrar o seu discípulo reverente e o Presidente da República.

Quando conseguiu a adesão de Portugal à CEE admitiria um cenário futuro em que o país poderia não ser capaz de se manter no euro ou, pior, como Estado membro?

PERFIL

MÁRIO SOARES

- › Nasceu em Lisboa, em 1924
- › Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas e em Direito
- › Iniciou percurso político muito jovem, integrou o MUNAF e o MUD e fundou o MUD Juvenil
- › Representou a família de Humberto Delgado na investigação do seu assassinio
- › Esteve exilado, tendo regressado três dias após o 25 de Abril
- › Conduziu o PS à vitória na Assembleia Constituinte, foi ministro e primeiro-ministro e liderou o processo de adesão à CEE
- › Foi Presidente da República por dois mandatos e, em seguida, eurodeputado
- › Tem vasta obra publicada



LEONARDO NEGRÃO/LOREAL IMAGES

O LIVRO

Convivência

O prefácio atualiza a análise que se segue em 388 páginas e é devastador quanto à convivência da classe política portuguesa com a ideologia neoliberal e a separação de águas entre governantes e governados. Para Mário Soares, que desde 2007 alerta para o perigo decorrente da crise europeia, o impasse em que se vive pode até “conduzir à desintegração da União Europeia e da moeda única”.

“Portugal ajoelhou”

O título do primeiro texto é fatal: “Portugal ajoelhou”. Considera que “não vale a pena esconder a realidade” e que, com a verdade ao vir ao de cima, se deve aceitar a premissa de “que Portugal estava a viver, há muito tempo, acima dos seus recursos”. Mas é preciso, adianta, “saber negociar com inteligência e bom senso” para não se destruírem três pilares sociais fundamentais: a saúde, a educação e a segurança.

Caos da austeridade

Nega que a austeridade deva ser a lei, prefere que o crescimento da economia se mantenha, por forma a diminuir o desemprego e não fazer vir ao de cima as tensões sociais que se podem evitar, e rejeita cortes inaceitáveis. Ou seja: “A austeridade conduzir-nos-á ao caos.”

Deriva do Governo

Mesmo que refira “estar fora de questão a legalidade do atual Governo”, não é aceitável que tome medidas sem “dialogar com a população, parceiros sociais e os partidos com assento no Parlamento”. Considera que o primeiro-ministro “não vê o seu isolamento político”.

“À ideologia neoliberal vai acontecer o mesmo que ao comunismo”

A substituição de Sarkozy por Hollande ainda lhe dá alguma esperança na recuperação dos pressupostos fundadores da União Europeia, como a democracia nos planos europeu e nacional?

Claro que sim. Sem democracia pluralista a Europa desagrega-se e voltaremos aos conflitos do século passado.

Sarkozy foi derrotado em França. Quer vaticinar o que poderá acontecer à sua “parceira” Angela Merkel nas próximas eleições?

Tem boas sondagens. Mas espero que até lá as coisas mudem. Espero que o governo que saia dessas eleições seja composto pelo SPD e pelos Verdes.

Foi só a crise financeira que adulterou o percurso da União

Europeia ou existe uma vertente ideológica e partidária que aproveitou a situação mundial?

Claro que há uma vertente ideológica que facilitou a crise: foi o neoliberalismo, responsável pela economia virtual, pela globalização desregulada e sem ética, pela idolatria dos mercados usurários – que vivem dos paraísos fiscais, que deviam ser ilegalizados – e que hoje mandam nos Estados. Mas à ideologia neoliberal vai acontecer o mesmo que ao comunismo.

É muito crítico sobre o facto de as instituições europeias estarem pouco preocupadas com o “diálogo sério” com os cidadãos dos Estados membros. Ainda se

vai a tempo de evitar o colapso?

Claro! Sem diálogo democrático não há Estado (democrático) que funcione. A democracia pluralista – que vem desde os gregos, que a inventaram – é uma das maiores conquistas da humanidade. Os povos de hoje não a vão deixar perder.

Mesmo aqui ao lado, Mariano Rajoy imita com algum atraso as indecisões do Governo português. Estarão os dois países condenados ao antigo desterro ibérico?

Infelizmente, não tem sido o caso.

Passos Coelho devia ter estado em Madrid quando foi o encontro Rajoy-Monti. Não esteve nem nunca o procurou. Rajoy não quer ter uma *troika* em Espanha, e isso faz toda a diferença. Passos Coelho não tem consciência da

importância do bom entendimento de Portugal e da Espanha no contexto europeu. Ambos os Estados deviam estar a pressionar a União Europeia (com a França e a Itália como aliados) para mudar de paradigma: reduzir drasticamente a austeridade para relançar a economia ibérica e reduzir muito o desemprego. Não quer saber disso. Como súbdito submisso de Merkel só faz o que ela manda. Nem sequer tem bom gosto...

O desejo de independência da

Catalunha preocupa-o? O desejo de independência é respeitável, mas o momento para isso não é o adequado. Acredito que os cidadãos perceberão isto.

“Claro que há uma vertente ideológica que facilitou a crise”

Claro que não. Mas não vai acontecer, espero, nem o fim do euro nem a desagregação da União.

Ou o cenário de a própria União Europeia se desintegrar? Espero que não.

Também neste caso europeu existe uma geração de líderes impreparados para cumprir o sonho de uma Europa federalista?

Sempre fui partidário do federalismo. Dos Estados Unidos da Europa, ou seja, do que desejavam os Pais Fundadores. Hoje muitos portugueses acham que é um dos caminhos possíveis para a União.

Se é previsível que as próximas eleições autárquicas serão um ajuste de contas com a coligação, serão os portugueses capazes de olhar para as eleições europeias como um caminho para sair da crise?

Estamos ainda longe das eleições

autárquicas. Muita água, atélá, passará debaixo das pontes...

Como observa o défice tão gigantesco nas economias da União Europeia?

Sem grande alarme. O que é preciso é que o Banco Central Europeu funcione como a Reserva Federal Americana ou a City de Londres: tenha a possibilidade de fabricar euros. Isso resolveria tudo de um momento para o outro.

Um dos artigos mais preocupantes deste livro é o “A China não escapa à crise”. Vê com bons olhos o facto de a China nos ter escolhido como parceiro preferencial para a nova fase de expansão mundial?

É verdade, a China não escapa à crise. Vai ser muito interessante estudar a sua evolução. Quanto às relações entre Portugal e a China, elas sempre foram excelentes.

“Se Romney ganhar será uma tragédia para a América, a Europa e o mundo”

Utiliza neste seu livro conceitos como “capitalismo de casino” e globalização desregulada”. A eleição de Barack Obama suscitou esperanças que não se verificaram. Ao nível económico e financeiro foram uma desilusão estes seus quatro anos à frente dos Estados Unidos?

Não foram uma desilusão. Barack Obama fez o que lhe foi possível. Mas este sempre cercado pelos republicanos, ultrarreacionários. Fez o que lhe foi possível, e bem. Mas como vai ganhar – estou convencido – vai fazer muito mais no segundo mandato. Será um novo Roosevelt.

Ao nível de reformas sociais, Obama apontou soluções ou apenas sobreviveu politicamente?

Claro que Obama acredita nas reformas sociais e na União Europeia. Dentro de poucos dias saberemos quem é o novo líder norte-americano. Acredita na hipótese de Mitt Romney ganhar?

Não. Seria uma tragédia para a América, a Europa e o mundo. Ronald Reagan surpreendeu. Com Mitt Romney poderá acontecer o mesmo?

São, ou melhor, eram personalidades muito diferentes. Conheci pessoalmente Reagan – não era um grande estadista –, mas era extre-

mamente simpático. E contava mito bem anedotas...

Refere no seu livro que caso

Obama seja reeleito poderá “impor finalmente um novo paradigma. Não vai tarde?”

Não. Nem para a América nem para a Europa. Chega no bom momento...

Não acha que a relação de Obama com a União Europeia é pouco sincera, mesmo precisando de estarem unidos para enfrentar esta realidade mundial?

Não. Barack Obama não tem essa visão acanhada. A Europa é vista por Obama como um aliado fundamental.